



DOI: <https://doi.org/10.59488/tragica.v18i3.71827>

Revista Trágica

Volume 18 - Número 03 ISSN 1982-5870

A segunda volta do parafuso: a razão na era contemporânea

The second turn of the screw: reason in the contemporary era

Ronaldo Pelli  

Doutor em filosofia pela PUC-Rio, pós-doutorando no PPGF-UFRJ
Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Contato: ronaldopelli@gmail.com

Resumo: Este texto parte de uma metodologia de se pensar o presente, a partir do comentário de Michel Foucault sobre a *Aufklärung* de Kant, para tentar fazer uma leitura contemporânea ou extemporânea do Iluminismo do século XVIII, a começar pelo seu principal *modus operandi*: a razão. A proposta é mostrar que, embora tenha tido boas intenções inicialmente, a razão poderia ser vista hoje em dia como a grande responsável por nossas crises, como a catástrofe climática e a hiperconcentração de riquezas. Para tanto, o texto parte das críticas de Nietzsche à razão, não para eliminá-la, mas para demonstrar que a razão, conforme vista, foi um estreito recorte da sua própria capacidade. O texto se desenvolve propondo uma nova maneira de pensar o tema, com uma grande razão, em que outros elementos, normalmente não comuns ao tema como o instinto, também sejam incorporados. E termina se utilizando de Latour e alertando para o problema de se tentar enfrentar os problemas criados pela razão usando a mesma ferramenta que ocasionou esses entraves.

Palavras-chave: Nietzsche; razão; Latour; Zaratustra.

Abstract: This text is based on a methodology for thinking about the present, starting from Michel Foucault's commentary on Kant's *Aufklärung*, in order to attempt a contemporary or extemporaneous reading of the 18th-century Enlightenment, beginning with its main *modus operandi*: the reason. The aim is to show that, although it had good intentions initially, reason could be seen today as largely responsible for our crises, such as the climate catastrophe and the hyperconcentration of wealth. To this end, the text starts from Nietzsche's critiques of reason, not to eliminate it, but to demonstrate that reason, as seen, was a narrow cutout of its own capacity. The text develops by proposing a new way of thinking about the subject, with a greater emphasis on reason, in which other elements, not normally associated with the subject, such as instinct, are also incorporated. It concludes by drawing on Latour and warning against the problem of trying to tackle the problems created by reason using the same tool that caused these obstacles.

Keywords: Nietzsche; reason; Latour; Zaratustra.

Este artigo, desenvolvido a partir da apresentação no colóquio “As luzes e as suas margens”, organizada pelo professor Danilo Bilate (UFRRJ/UFRJ) e ocorrido tanto no IFCS / UFRJ como no Centro Cultura Hélio Oiticica em setembro de 2025, tem como fim desenvolver o terceiro eixo do evento, que perguntava sobre “a herança das Luzes nos séculos seguintes, suas omissões e suas aceitações pontuais”. Apesar do evento ser focado no Iluminismo do século XVIII, ele também abria a possibilidade de se abordar os temas do período na categoria “margens”, com uma atualização das questões para uma perspectiva mais contemporânea ou até mesmo extemporânea.

Este texto, assim, se apoia em escritos do fim do século XIX chegando até a atualidade, a partir do pensador alemão Friedrich Nietzsche e com tudo o que ele acarretou para os tempos que se seguiram. Em outras palavras, este texto vai soar, ou tem como intenção soar, isso sem qualquer intenção de criar uma polêmica rasa ou meramente provocativa, como contraponto ao Iluminismo e todas as suas principais bandeiras, como “razão, progresso, anticlericalismo, igualdade e liberdade”¹.

Dessa forma, esse texto vai explorar, ou tentar medir, a força da razão no momento atual. É um texto sobre o hoje, pegando emprestada uma discussão de quase 300 anos. Daí a necessidade de resgatar um pequeno artigo do filósofo francês Michel Foucault sobre a *Aufklärung* kantiana – é a partir dessa perspectiva que este texto, em tom mais ensaístico que exatamente científico, vai se apresentar.

“O que é precisamente este presente ao qual pertencemos?”. Ora, me parece que a questão à qual Kant responde, aliás, àquela que ele é obrigado a responder, posto que lhe foi colocada, esta questão é outra. Esta não é simplesmente: o que é que, na situação atual, pode determinar tal ou qual decisão de ordem filosófica? A questão centra-se sobre o que é este presente, centra-se sobre a determinação de um certo elemento do presente que se trata de reconhecer, de distinguir, de decifrar no meio de todos os outros. O que é que, no presente, faz sentido para uma reflexão filosófica.²

A partir dessa discussão sobre o presente com o qual Foucault nos inquirir, esse texto levanta algumas questões: será que a razão dá conta dos desafios apresentados em um mundo em que a crise climática se instala traiçoeiramente? Será que não seria exatamente essa razão uma das grandes causas para a força das megacorporações tecnológicas nos dias de hoje? Será ela o motivo para a absurda concentração de renda promovida pelo capitalismo nesta sua fase atual? Seria a razão, em resumo, um problema em vez de uma solução?

Não há qualquer pretensão de responder a todas essas perguntas de forma direta. A intenção aqui é apontar algumas fissuras no edifício da razão e dizer que, em vez de achar que a razão, conforme pensada pela história, seria a saída para todas as nossas agruras, e o seu alardeado abandono, a causa de nossos males (embora esse abandono talvez seja

¹ Cf. JULIÃO, J. *As considerações de Nietzsche sobre o Iluminismo*, p. 13.

² FOUCAULT, M. *O que é o Iluminismo?*, p. 2.

falacioso), imaginar que ela, a razão, pode ser, na verdade, o motivo original do atual estado de coisas. Não adiantaria, assim, tentar usar essa mesma razão, da forma como ela foi determinada pelo Iluminismo do século XVIII, para resolver os problemas que a própria razão criou – seria como jogar combustível sobre o fogo na tentativa de apagá-lo. Temos que descobrir novas e mais sofisticadas maneiras de solucionar nossos imbrólios, sem nos apoiar de forma imediata em soluções antigas.

Não quer dizer que o texto vá se posicionar de forma contrária à razão – esta não é uma fala propondo uma saída irracionalista ou que sugira uma postura misólogica. Como forma de explicar o tom do artigo, poderíamos usar como paralelo uma famosa frase do antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro, em que ele tenta, na ocasião, acabar com uma dicotomia hierárquica entre natureza e cultura – aqui poderia ser entre racionalismo e irracionalismo, ou algum dos seus nomes (como impulsividade, emoção, corpo, instintos, impetuosidade, força etc.): “Como está claro, penso que a distinção natureza/cultura deve ser criticada, mas não para concluir que tal coisa não existe (já há coisas demais que não existem)”.³

Este texto, então, tem como proposta apenas colocar em dúvida esse imperativo da razão, essa monocultura da forma de se portar no mundo. A razão, é evidente e não deveria ser necessário sublinhar, tem suas funções e sua enorme importância e história, mas ela não poderia ser vista como a única maneira de dar conta de todas as demandas que existem. Ainda mais quando, e isso talvez seja o ponto nevrálgico, seja a provocadora dessas mesmas demandas. E essa não é uma questão apenas do século XXI ou do XVIII – talvez ela tenha existido desde Sócrates e Platão, ou desde sempre.

Para tanto, partiremos de Nietzsche, reconhecidamente um dos principais nomes contrários a esse tipo de razão mais instrumentalizada e, se possível, avançaremos para os dias atuais, em que certos desdobramentos do pontapé inicial de Nietzsche ainda podem ser vislumbrados.

Não se propõe que se atenha a uma leitura sistemática ou mesmo a uma história das ideias, mas um método em que o autor se apropria dos conceitos e das passagens para defender o seu próprio ponto de vista. Isso quer dizer que este é um texto mais autoral, menos científico – talvez menos racional, assim –, em que as qualidades provavelmente se originam desses autores sobre os quais o artigo vai se apoiar, e os defeitos são exclusivos do autor.

Para começar, enfim, seria importante mostrar o quanto Nietzsche se debateu contra o racionalismo. Qualquer dicionário sobre o filósofo do martelo, tanto o brasileiro organizado pelo GEN (Grupo de Estudos Nietzsche)⁴, quanto o inglês de Douglas Burnham⁵, como o gigantesco francês de Dorian Astor⁶, para ficar apenas em alguns casos, tem um verbete sobre *Vernunft*, termo em alemão que Nietzsche usa para falar sobre a razão.

³ VIVEIROS DE CASTRO, E. *Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena*, p. 226.

⁴ MARTON, S. (ed.) *Dicionário Nietzsche*, p. 352.

⁵ BURNHAM, Douglas. *The Nietzsche Dictionary*, pp. 273-275.

⁶ ASTOR, Dorian (Org.). *Dictionnaire Nietzsche*. (e-book).

E todos são unânimes em dizer que Nietzsche foi um grande crítico da razão, mesmo que não fosse contra a razão. É tão conhecida a postura de Nietzsche com relação à razão que os acadêmicos dedicados à sua obra produzem, hoje em dia, textos mostrando como Nietzsche poderia ser visto, de acordo com uma certa edição dos seus escritos, como favorável a um certo Iluminismo e a um racionalismo. Um Iluminismo que tem mais ligação com Voltaire do que com Rousseau, ou mesmo Kant⁷. Sabemos que Nietzsche não era iluminista, mas é possível fazer um recorte de um Nietzsche mais favorável ao Iluminismo, certamente.

Seria um trabalho em separado pesquisar todas as críticas de Nietzsche à razão. Apenas como forma de exemplificá-las, demonstrando um tom que este artigo quer imprimir, citaremos algumas passagens. As marteladas nietzschianas aparecem de forma explícita em uma fórmula em *Crepúsculo dos ídolos*, no capítulo sobre *O problema de Sócrates*, em sua quarta parte: razão = virtude = felicidade⁸. É tão sucinta e, ao mesmo tempo, tão poderosa que parece que ela resume bem toda a crítica nietzschiana. Para não deixar dúvida em relação à sua posição, Nietzsche acrescenta logo em seguida: “a mais bizarra equação que existe”. E logo depois: “que, em especial, tem contra si os instintos dos helenos mais antigos”.

Como também é sabido pelos estudiosos do seu trabalho, Nietzsche é partidário de um mundo grego trágico. No entender de Nietzsche, Sócrates teria tentado organizar o caos que há comumente na existência estabelecendo certos parâmetros fixos, imóveis, eternos, quando o mundo é feito da força avassaladora do devir histórico, que modifica tudo o que há, a todo instante. Sócrates teria tentado indexar a variável, ou as variáveis, com uma constante. E essa constante, pelo que Nietzsche explicita nesse trecho, é a razão.

Mas Sócrates não era um homem fora do seu tempo, Nietzsche argumenta. Ao contrário. Ele teria captado a força que já era comum na sua Grécia em que os “instintos estavam em anarquia”, como Nietzsche escreve no capítulo em questão de CI. A razão é apresentada, então, como forma de organizar esse processo caótico da própria existência e, em seguida, como a solução para todos os males. Bastava ter razão para ser visto como virtuoso e, logo, alguém feliz. Daí a equação nietzschiana.

Não era uma opção, contudo, mas uma obrigação, e aqui que está o cerne do argumento, provavelmente. Sócrates fez da razão “um tirano”, nas palavras de Nietzsche ainda no mesmo capítulo do *Crepúsculo dos ídolos*: “A racionalidade foi então percebida como *salvadora*, nem Sócrates nem seus ‘doentes’ estavam livres para serem ou não racionais”. Nietzsche continua: “O fanatismo com que toda a reflexão grega se lança à racionalidade mostra uma situação de emergência: estavam em perigo, tinham uma única escolha: sucumbir ou — ser *absurdamente racionais...*”. O “fanatismo”, termo usado por Nietzsche e raramente associado à razão, aparece aqui para mostrar que não haveria alternativa possível, não se enxerga possibilidade, escolha, caminho diverso. Ou se era racional ou se era excluído, ostracizado. A razão era um imperativo, o modo de existir aceito

⁷ Cf. JULIÃO, J. As considerações de Nietzsche sobre o Iluminismo.

⁸ NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos* (doravante CI), “O problema de Sócrates”, §4.

– virtuoso, a única forma de se levar à felicidade. Prossegue Nietzsche, ainda no mesmo capítulo *O problema de Sócrates*:

Razão = virtude = felicidade significa tão-só: é preciso imitar Sócrates e instaurar permanentemente, contra os desejos obscuros, uma *luz diurna* – a luz diurna da razão. É preciso ser prudente, claro, límpido a qualquer preço: toda concessão aos instintos, ao inconsciente, leva *para baixo*...

Esse “ter de combater os instintos” para a ascensão da razão seria “a fórmula da *décadence*”, porque “enquanto a vida *ascende*, felicidade é igual a instinto”. Vamos ver em breve que esse “instinto” aqui é o corpo, o corpo que engloba tudo, inclusive esta forma de razão.

Se não bastasse, Nietzsche continua no capítulo seguinte suas marteladas contra a razão – a começar pelo título, que é “A ‘razão’ na filosofia”. Nesse capítulo, Nietzsche reforça os seus argumentos de que, na história do pensamento ocidental, os conceitos são pensados fora do tempo, sem contato com o vir-a-ser. Os grandes nomes da tradição ou tentaram isolar o ser em uma câmara à prova do seu envelhecimento e aparente decrepitude ou tentaram encontrar o núcleo de cada um dos entes para descobrir o que uma coisa realmente é; uma essência, em suma, que não sofresse com a realidade mais mundana, da vida cotidiana. “Tudo o que os filósofos manejaram, por milênios, foram conceitos-múmias”, Nietzsche caçoa. O mecanismo para atingir tanto a câmara isolada ou o cerne dos entes é o mesmo sempre: a razão. Escreve Nietzsche: “o preconceito da razão nos obriga a estipular unidade, identidade, duração, substância, causa, materialidade, ser”.

É essa razão, isolada, artificial, meramente instrumental que seria a causadora da divisão dualista metafísica que Nietzsche tanto combateu ao longo de seus escritos. A razão que se tornava a desculpa para se criar uma certa hierarquia ontológica: aqueles que não praticavam a razão eram desvirtuosos. Era preciso levar a razão para quem não tinha razão – e eis aqui todo o problema. A razão se torna uma espécie de desculpa para se criar uma divisão entre o bem e o mal – o que, na prática, reverbera em preconceitos múltiplos e, encurtando um longo raciocínio, no colonialismo.

O pensador francês Bruno Latour explicitou esse processo numa entrevista, certa vez:

O que o racionalismo não percebe é que ele compartilha com o monoteísmo a mesma necessidade de colocar acima de tudo uma instância indiscutível, que leve em conta a totalidade do que somos e que seja o árbitro de nossas disputas. Uma posição transcendente, que os gregos confiavam a um Deus das ideias, os cristãos a um Deus da salvação e onde os modernos colocaram sucessivamente a Razão, a política, a ciência, a mão invisível do mercado... Não importa o nome, é sempre a mesma estrutura.⁹

⁹ LATOUR, B. *Monothéisme et rationalisme ont la même structure* (e-book).

Era essa razão que Nietzsche combatia. Porque ele via nessa razão a negação dos instintos que, como dito anteriormente, é um outro nome para o corpo. E o corpo, Nietzsche vai dizer, é tudo – é a totalidade. Não há nada além da fisicalidade, não há metafísica, não há transcendência abstrata. Tanto as funções sensuais como as espirituais são funções do corpo.

Esse seria o motivo por que criticar o imperativo da razão, mencionado há pouco: a razão não seria nada além de uma função do corpo, nada que pudesse ser destacada. Em primeiro lugar, priorizar a razão é negar todas as outras ferramentas para solucionar problemas. Em segundo, não seria possível “isolar” a razão. O corpo é tudo, e o corpo se apresenta de muitas formas. A razão está na carne, está nos músculos, na massa cinzenta, a razão está até na interconexão entre cérebro e a microbiota que povoa nossos intestinos. É um argumento que pode parecer exagerado, mas tais conclusões científicas estão bastante vulgarizadas: há até reportagens de conglomerados jornalísticas sobre o tema¹⁰. Ou seja, a nossa razão não só é parte do nosso corpo, como também depende de um certo meio ambiente para existir. Em outras palavras: a nossa razão não é nem nossa, exatamente. Ela é uma relação – e o trabalho do antropólogo Gregory Bateson vai exatamente nessa direção¹¹. Para a razão existir, é preciso fazer trocas e intercâmbios com outros seres.

Por isso que Nietzsche-Zaratustra defende que o “corpo é uma grande razão”¹² – e aqui chegamos à explicação das aspas no termo razão que foram mencionadas há pouco, e à segunda volta do parafuso citada no título deste texto.

Numa famosa passagem do seu *Zaratustra*, Nietzsche explica que o corpo é “uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor”¹³. Somos atravessados por inúmeras forças que compõem o nosso corpo a todo instante. A temperatura da sala, as contas do fim do mês, os desejos que nos formam desde criança, o que comemos hoje de manhã, como dormimos, o encontro com alguém que nos inspira, os vírus que insistem em tomar de assalto nosso sistema respiratório na menor baixa da minha imunidade, a última desgraça aprovada pela Câmara dos Deputados, a resposta nas ruas a esses absurdos, o genocídio do povo palestino, todos esses aspectos, entre outros tantos, compõe um corpo que escreve este artigo neste exato momento. Por isso é uma “multiplicidade com um só sentido”. Por isso “uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor”. Porque essa variedade de temas acaba por se somar em um vetor de forças.

Além dessa grande razão, que é o corpo como um todo, haveria uma outra razão, uma pequena razão, que é chamada de “espírito” – a razão com aspas mencionada anteriormente – mas ela é apenas “um pequeno instrumento e brinquedo” da “grande razão”, nas palavras de Nietzsche nessa mesma passagem de *Zaratustra*. Entre as possibilidades, entre as multiplicidades que compõem o sentido único que é a nossa grande razão, está essa pequena

¹⁰ Por exemplo: FRANKEL e WARREN, *As bactérias que controlam seu cérebro*.

¹¹ Ver BATESON, G. *Steps to an ecology of mind. Collected essays in anthropology, psychiatry, evolution, and epistemology*, principalmente as partes V e VI.

¹² NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*, doravante ZA, 1ª parte, “Dos desprezadores do corpo”.

¹³ *Ibidem*.

razão. O paralelo é evidente com a noção de devir *versus* identidade: a identidade é apenas uma das possibilidades apresentadas pelo devir enquanto diferença, assim como a pequena razão é uma das multiplicidades da grande razão. Por isso, insistimos: não é para abandonar a “pequena razão”, mas saber que ela é um, entre outros tantos, componentes da “grande razão”.

A razão voltou a ter uma certa preponderância com a ascensão ao poder de certas figuras fascistas ao redor do mundo, Brasil incluído, e com a pandemia de Covid. Neste último caso, por exemplo, a razão, e um dos seus avatares, a ciência moderna, nos disseram que, para sairmos mais rapidamente das nossas clausuras, era necessário nos vacinar em massa. Ou seja, não é possível ignorar que haja vantagens diretas de se usar a razão, a chamada “pequena razão”, para podermos conviver em comunidade, ainda mais em nossas comunidades, urbanas, interconectadas e cada vez mais complexas. “Já há coisas demais que não existem”.

O ponto, e é aqui que Nietzsche insiste, é que não deveríamos nos apoiar apenas nela, com o perigo de usarmos um veneno achando que estamos usando um remédio – é a questão do *phármakon*, de novo. Primeiro porque não podemos exatamente acreditar que as ações dos fascistas ao redor do mundo são “irracionais”, ou sem razão. Há todo um método perverso, estratégias que têm como fim acelerar o fim, como disse Latour em um dos seus últimos livros. Ele, morto há poucos anos, afirmou em seu *Onde aterrar*, de 2019, que diante do cenário de perda de mundo, as elites

decidiram que seria preciso construir uma espécie de fortaleza dourada para os poucos que poderiam se safar – do que decorre a explosão das desigualdades. E resolveram que, para dissimular o egoísmo sórdido de tal fuga para fora do mundo comum, seria preciso rejeitar absolutamente a ameaça que motivou essa fuga desesperada – o que explica a negação da mutação climática.¹⁴

Assim, o neoliberalismo e a extrema-direita por ele gestada seriam efeitos dessa orientação global das elites em se livrar do fardo da solidariedade social. Para usar uma expressão que viralizou, infelizmente, as elites mundiais aproveitaram a desgraça em que eles nos colocaram ao buscar de forma desenfreada por combustíveis fósseis para sustentar seus extravagantes modos de existir, para passar a boiada.

Além disso, como mencionado antes de passagem, a razão elege um modo – ela própria – e nega totalmente os demais modos de resolver problemas, o que exclui necessariamente outros grupos sociais que propõem soluções que envolvem, muitas vezes, mecanismos bem diferentes daqueles propostos pela razão. Como por exemplo, em uma frase de efeito: espíritos, em vez do espírito. Mesmo que os povos ditos tradicionais sejam compostos por toda a sorte de indivíduos, impedindo de fazermos qualquer tipo de generalização, seria possível afirmar que não foi o modo de viver tradicional que

¹⁴ LATOUR, *Onde aterrar*, e-book.

proporcionou o fim do mundo como nós o conhecemos, a cada dia, um pouco mais. Foi exatamente a tal pequena razão.

Referências bibliográficas

- ASTOR, Dorian (Org.). *Dictionnaire Nietzsche*. Robert Laffont, Paris: 2017.
- BATESON, Gregory. *Steps to an ecology of mind. Collected essays in anthropology, psychiatry, evolution, and epistemology*. Jason Aronson Inc. Northvale, New Jersey e Londres: 1987.
- BURNHAM, Douglas. *The Nietzsche Dictionary*. Bloomsbury Philosophy Dictionaries. London, New Delhi, New York, Sydney: 2015.
- FOUCAULT, Michel. “O que é o Iluminismo?”. Espaço Michel Foucault – www.filoesco.unb.br/foucault «Qu'est-ce que les Lumières?», *Magazine Littéraire*, nº 207, mai 1984, pp. 35-39. (Retirado do curso de 5 de Janeiro de 1983, no Collège de France). Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, pp. 679-688, por Wanderson Flor do Nascimento.
- FRANKEL, Miriam e WARREN, Matt “As bactérias que controlam seu cérebro”. BBC Future. BBC News Brasil. Publicado em <https://www.bbc.com/portuguese/articles/ce93qe3nqlmo>, no dia 22 fevereiro 2023.
- JULIÃO, José Nicolao. As considerações de Nietzsche sobre o Iluminismo. *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência*. Vol. 7, nº 1, pp.01-20.
- LATOUR, Bruno. Monothéisme et rationalisme ont la même structure. *Forum Protestant*. Publicado em <https://forumprotestant.fr/articles/monotheisme-et-rationalisme-ont-la-meme-structure/>, Acesso em: 06/09/2013.
- LATOUR, Bruno. *Onde aterrar? – Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Tradução Marcela Vieira. Posfácio e revisão técnica: Alyne Costa. Bazar do tempo, Rio de Janeiro: 2020.
- MARTON, Scarlett (ed.). *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Edições Loyola, 2016.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos - ou como se filosofa com o martelo*. Tradução Paulo César de Souza. Companhia das Letras: São Paulo, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra – um livro para todos e para ninguém*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. Companhia das Letras, São Paulo: 2011.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. O que nos faz pensar*, PUC-Rio, Rio de Janeiro, n.18, setembro de 2004.